

NUDEZ E TERRITÓRIO

Cristina Salgado / Regina de Paula

curadoria Luiza Interlenghi / Sheila Cabo Geraldo

Escola de Artes Visuais do Parque Lage – Cavalariças

abertura 12 de maio de 2009, às 19h

13 de maio a 28 de junho

terça a sexta de 12 às 20h

sábado e domingo de 12 às 17h

Grande nua na poltrona vermelha

Cristina Salgado

assistentes Claudia Ferraz, Clarice Duarte Rangel,
Fernanda Rabelo, Giseli Ribeiro, Lorena Serafim,
Raquel Rodrigues Pontes, Thamy Kurosawa

apoio técnico Roberto Nilton

O cubo paisagem

Regina de Paula

assistentes Alessandra Paes, Bia Moraes, Cristina
Pimentel, Cristiane Friggo, Daniel Sobral, Fabiano
Araruna, Samantha Pinto, Simone Tomé, Tháбата
Castro Roberto

video

fotografia Ludmila Ferolla

finalização Alessio Slossel

apoio técnico Rogério Pinheiro de Mello

Nudez e Território é parte do projeto *Lugares como espacialidades discursivas* financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

estagiárias Larissa Pereira dos Santos, Virginia Jesus de Oliveira

iluminação Rogério Emerson e estudantes do curso *Iluminação para arte* da EAV Parque Lage

agradecimentos Claudia Saldanha, Herbert Hasselmann, Izabela Pucu, Sérgio Couto, Tania Queiroz, todos os funcionários da EAV e ainda: Adelia Jevaux, Amanda de Carvalho, Analu Cunha, Bruno de Carvalho, Denise Araripe, Grazy Ribeiro, Novembro Arte Contemporânea, Jimson Vilela, João Modé, Júlia Baruki de Paula, Julia Debasse, Luana Aguiar, Ludmila Ferolla, Mariana Maia, Marcos Abreu, Mário Nogueira, Paola Maiolino, Roberto Conduro, Sika S.A., Wilton Montenegro.

fotos

capa imagens do processo de montagem 3 Regina de Paula, Cubo paisagem, 2009 fotografia 4 Cristina Salgado, Grande nua na poltrona vermelha 5 e 6 imagens do processo de montagem fotos 1, 2 e 4: Wilton Montenegro foto 5: Tháбата C. Roberto foto 6: Cristina Salgado.

realização



SECRETARIA
DE CULTURA



AMEAV



financiamento

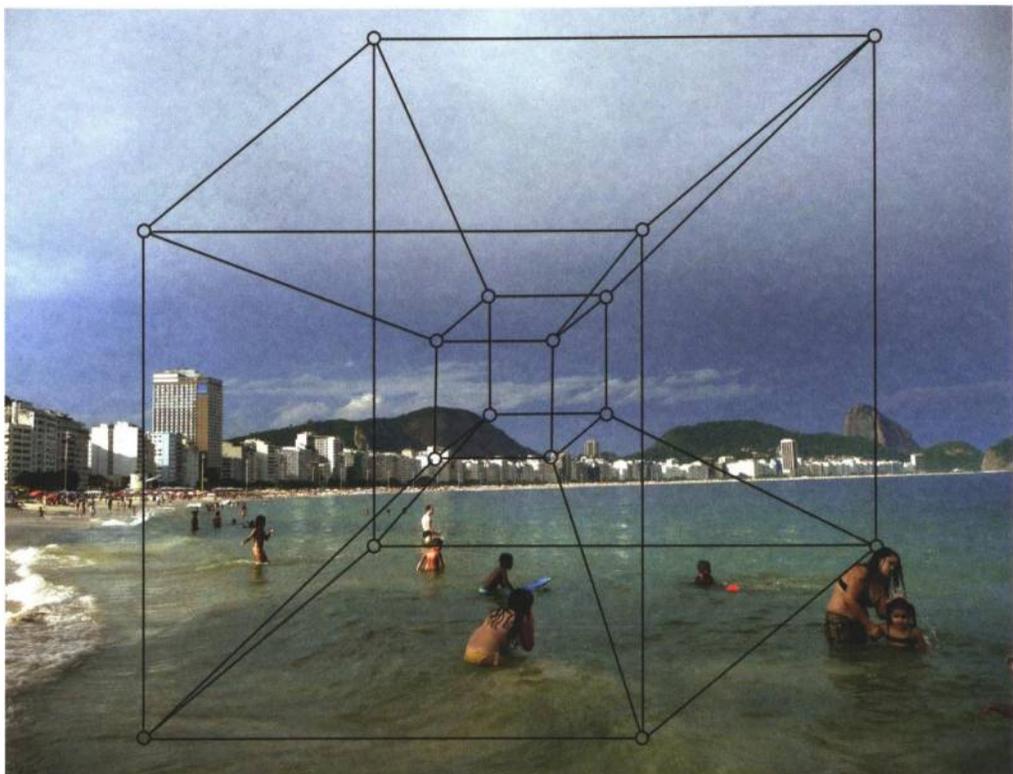


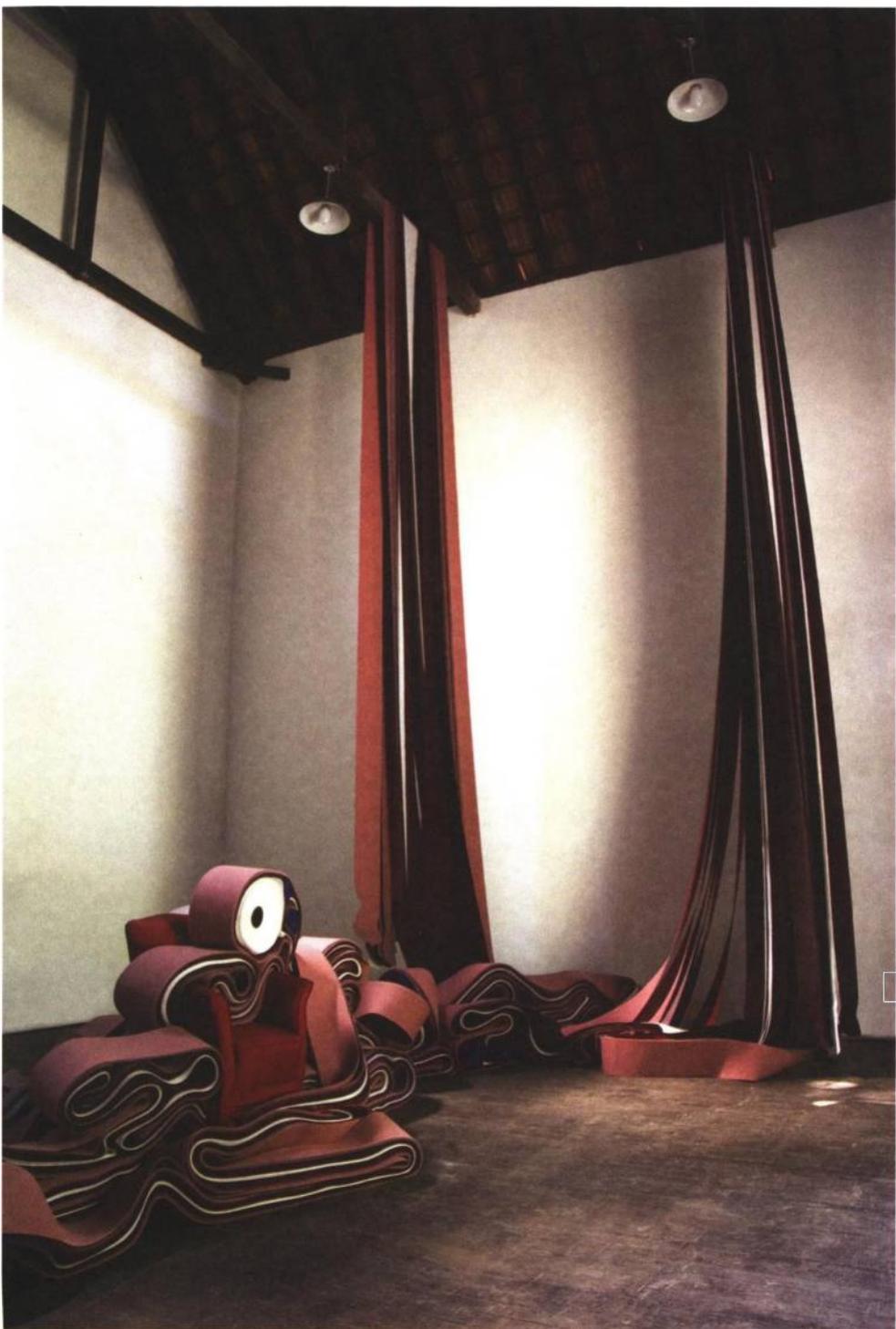
NUDIZ E TERRITORIO

REGINA DE PAULA

CRISTINA SALGADO







Nudez e território

Cristina Salgado / Regina de Paula

Sheila Cabo Geraldo

A presença de *Grande Nua na poltrona vermelha*, de Cristina Salgado, e *O Cubo Paisagem*, de Regina de Paula, nas Cavalariças do Parque Lage tem a potência de fazer irromper um debate que implica a discussão do sentido de lugar e das noções de espaço e território na arte.

Para Michel de Certeau, “um lugar é a ordem (...) uma configuração instantânea de posições”, enquanto o espaço estaria associado a “vetores de direção, quantidade de velocidade e variável de tempo”. O espaço seria, então, um “... cruzamento de móveis, animado pelo conjunto dos movimentos que se desdobram”.¹ Já o território, que se constitui na ação de delimitação, se apresentaria como uma priorização das dimensões simbólicas e subjetivas.

Assim, *Grande Nua* estabelece uma ordem que, em sua configuração – materializada no diálogo de uma antiga poltrona vermelha com um fragmentado e multiplicado corpo feminino feito de tiras de tapete nas cores matizadas entre o vermelho e o branco –, como um lugar, se mostra em perene mutação, como dobra e desdobramento, constituindo um fluxo, onde se apresentam e reapresentam os territórios do feminino, da sexualidade, do orgânico, das vísceras, do dentro, mas também do masculino, do recalque, do mecânico, da pele, do de fora, em uma trama em que estão presentes, formando teias, os particulares dos indivíduos, mas também seus posicionamentos e deslocamentos reais e metafóricos nas sociedades, em processos que vão do presente ao passado, do real ao sonhado, do vivido ao ilusionado, no sentido utópico do desejado. A

intrincada inter-relação desses lugares metafóricos, que segue a ordem da dobra deleuziana, é que vai constituir, como nos explica Certeau, um trânsito epistêmico, ou seja, um trânsito que estabelece conhecimento e sentido, forjando uma prática do espaço. O que se está, então, percebendo é que *Grande Nua* concentra e disponibiliza em reentrâncias e superposições um conhecimento sobre os territórios do subjetivo, assim como sobre a potência de subjetivação de territórios, chegando nesse processo à trama de uma espacialidade que, usando uma expressão de Miwon Kwon², chamamos discursiva, pois não se remete exclusivamente a um referente físico, seja ele natural ou construído.

Por sua vez, o que Regina de Paula configura em *O Cubo Paisagem*, ordena-se pela elaboração de duas formas matéricas, que, embora diversas, acabam mostrando-se muito próximas. Inicialmente vamos encontrar um grande cubo de areia formado pelo acúmulo de pequenos cubos, resultado do enrijecimento de um material que, em natureza, dificilmente se deixa apreender ou moldar. O grande cubo se apresenta, então, como um lugar de insistência na concentração e permanência do instável físico, da forma que foge, do informe, que a artista cisma em conter no modelo do cubo, referência histórica na formação e debate da noção de espaço em arte. Regina constrói, dessa maneira, um discurso que coloca e problematiza, como na tradição da forma artística, lado a lado, natureza e arte, como domínio da segunda sobre a primeira.

Por outro lado, o cubo é o resultado de um deslocamento, o outro ponto do vetor que vai da cidade – e mais especificamente da praia de Copacabana – à instituição de arte, representada pelo espaço das Cavalariças do Parque Lage. Estaria, assim, a artista definindo, enquanto percurso, um não-lugar, que sempre é móvel e variável, que sempre admite retorno e mudança

de direção, como um relato de viagem, que pode ser atropelado pela memória, pelos sonhos, pelos desejos, tomando atalhos, desdobrando-se em outras narrativas, em outros percursos, definindo, assim, territórios. No caso do grande cubo, além de o deslocamento definir um território de instabilidade, revelado na própria matéria de que é formado e pela maneira como vai constituindo seu lugar de exposição, a presença oculta de um pequeno castelo de areia traz a narrativa de Regina ainda para o campo de outros territórios, ampliando muito a relação do espaço da arte com o espaço da cidade. O castelo é do território da infância, é do devaneio, do encantamento. Essa mesma relação múltipla e intrincada entre os discursos da arte e os discursos da cidade é que vai definir, também, a elaboração da segunda forma, que se materializa em um lugar-vídeo, pura luz, puro movimento, cuja imagem é a da paisagem da praia de Copacabana, que na sua inconstância se apresenta invadida pelo discurso da ordem especial do cubo geométrico, instaurando uma pergunta sobre a ordem da paisagem, que é também uma referência na cultura artística. O vídeo acentua, assim, a ambiguidade e a indissociabilidade entre a experiência e o discurso. Como na narrativa videográfica, a paisagem e o cubo geométrico são só pensamento.

A espacialidade da arte, como visto nos trabalhos de Regina de Paula e Cristina Salgado, especialmente nestes agora apresentados, se constituiria, assim, na relação dos discursos que os dispositivos artísticos aqui dispõem, ou seja, os dispositivos objetos, relatos, projetos, registros e tantos quantos a imaginação das artistas seja capaz de criar, abrindo um campo sintagmático complexo e instigante na arte contemporânea.

A arte não é só para os olhos

Luiza Interlenghi

Após o que muitos consideram como sendo o fim da arte, o hegeliano Artur Danto ainda diria: é possível celebrar as estratégias plurais e a capacidade de comunicação direta da arte contemporânea acima das instituições ou da crítica. Se os limites daquilo que seria o lugar da experiência artística desaparecem, há algo inédito e vital na arte posterior ao modernismo – suas trilhas, quando exploradas apenas com os olhos, avançam pouco. Para se ir mais longe, é preciso tatear tanto os meios quanto os conteúdos de uma arte pluralista.

As obras de *Nudez e Território* não se enquadram na visão única e distanciada de quem observa uma pintura. A experiência da multiplicidade política, étnica e econômica do mundo atual dificilmente seria identificada com um *sujeito universal* tal como concebido pela pintura modernista.

Grande Nua na poltrona vermelha, de Cristina Salgado, e *O Cubo Paisagem*, de Regina de Paula, demandam a presença física do observador dentro do próprio campo da obra. Ambas criam um espaço próprio – um lugar – em que cada aproximação leva a um sentido parcial. A partir dessas aproximações incompletas, a compreensão da obra é elaborada por alguém que se percebe ora de modo fragmentado ora como corpo imerso na obra. O observador é mobilizado de modo conflitante, pois o mergulho na obra provoca, simultaneamente, a autoconsciência do corpo e o deslocamento dos referenciais que centram o sujeito. O espaço em que a obra se realiza não coincide com os percursos ou narrativas de um sujeito, mas surge pontualmente como sendo um outro lugar (Claire Bishop).

1 Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano I*. Petrópolis: Vozes, 2007.

2 Kwon, Miwon. *One place after another: Site-specific art and locational identity*. Massachusetts-London: The MIT Press, 2004.

Se em *O Cubo Paisagem* a terceira dimensão é abordada diretamente, em *Grande Nua* é o plano que está em questão. Centenas de metros de tiras de tapete, em tons sanguíneos, envolvem uma poltrona vermelha e se estendem sobre o piso e as paredes da grande galeria. Há, ainda, um espelho emoldurado. Não seria preciso destacar a alusão à pintura modernista que esses elementos vêm a reforçar. A mais significativa referência moderna, porém, está na revisão da passagem do espaço planar para o tridimensional: o acúmulo dos tapetes confere espessura à *Grande Nua* – seus contornos, dobras e estiramentos evocam profundidade e distância entre diversos planos, uma noção cara à análise cubista da condição planar da pintura.

A forma geométrica é tratada com ceticismo por Regina de Paula: a inadequação entre o espaço idealizado e o vivido reaparece a cada tentativa de traduzir um no outro. Pulsando na luminosidade imaterial do vídeo, o desenho de um cubo corta a paisagem de Copacabana. Em outra sala, o cubo ressurgiu com o volume maciço de um metro cúbico, erguido com cubos menores de areia. A inadequação entre a forma ideal e a mutabilidade do mundo não é conclusiva, mas lúdica. O cubo guarda, em seu interior, um frágil castelo de areia.

No território heterogêneo e instável da arte, constitui uma trilha alternativa o fato de que seus conteúdos são relacionados a narrativas pré-existentes da arte e do sujeito.

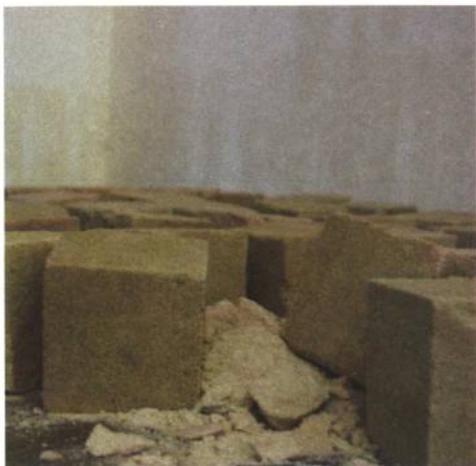
Há uma aproximação com o minimalismo norte-americano, em *O Cubo Paisagem*, em que a expansão do campo da obra derivou da fenomenologia de Merleau-Ponty. Superada a relação com o objeto único, a escultura (e a arte em geral) se abre para os espaços *fora do objeto*. Estes espaços, afirma Miwon Kwon, deixam de ser físicos e se tornam discursivos. O *elo perdido* entre o objeto e uma arte relacional, pautada em processos de comunicação (nem sempre par-

ticipativos, como em Lygia Clark), estaria, então, na *pintura da cons-ciência* de Cézanne, paradigma da fenomenologia de Ponty.

Embora a grande narrativa modernista – um épico que teve em Cézanne e no Cubismo os marcos iniciais –, já tenha encerrado seu último ato, *Grande Nua* de Cristina Salgado sustenta um diálogo com a pintura de Picasso. Por outro lado, Regina de Paula, com *O Cubo Paisagem*, equaciona a pureza da forma geométrica e o próprio gênero de pintura cujo marco inicial, sabemos, são as paisagens de Cézanne. Contudo, as duas instalações inscrevem-se em um espaço radicalmente distinto.

Se ocorrem aproximações com o Modernismo (diretas e irônicas em *Grande Nua*, ou veladas e silenciosas em *O Cubo Paisagem*), não chegam a estabelecer propriamente uma continuidade da narrativa histórica: seja por frisar o gênero da modelo – *nua* –, no caso de Cristina, ou mesmo pela ênfase dada por Regina na irreduzível distinção entre a forma pura e a paisagem – é esta distância histórico-crítica que marca o diálogo destas artistas com o Modernismo. Os elementos para a elaboração de novas narrativas encontram-se nas relações estabelecidas entre os meios expressivos e os conteúdos existentes, assim como na adequação arbitrada por ambos.

Grande Nua, de Cristina Salgado, e *O Cubo Paisagem*, de Regina de Paula, criam poemas visuais em que os conflitos entre o mundo *pensado* e o *vivido* são plenamente retomados – no interior desta arena, desnudam-se encontros inéditos entre mulheres e sua própria história. São estas narrativas – e muitas outras – que aparecem em *Nudez e Território*: não há sólidos pilares para o juízo crítico. Nem por isto, porém, deixaremos de prazerosamente construí-los, como se constroem castelos de areia.



O cubo paisagem, de Regina de Paula, é um grande cubo montado com pequenos cubos de areia. A solidez edificada pelo conjunto contrasta com a delicadeza instável de cada unidade desta estrutura. Também integra o trabalho um vídeo projetado em grande escala. Realizado na praia de Copacabana, exibe a flutuação da paisagem filmada em relação com a estrutura precisa da geometria – apresentando a paisagem como pensamento.

Regina de Paula nasceu em Curitiba, é doutorada em Artes Visuais pela EBA/UFRJ; mestre em Artes pela Columbia University de Nova York e professora no Instituto de Artes/UERJ. Nos últimos anos tem trabalhado em diversos meios como fotografia, desenho, vídeo, escultura e instalação. Dentre suas últimas exposições destacam-se: *O Museu como lugar* (Museu Imperial, Petrópolis), *ARCO Arte Contemporâneo 2007 / project room* (Madri), *Équipée Rio-São Paulo-Brest* (Centre d'Art Passerelle, Brest), *Amalgames* (Musée de l'Hotel Dieu, Mantes la Jolie), *Coleção Joaquim Paiva* (Théâtre de la Photographie et de l'Image Charles Nègre, Nice). É representada pela Novembro Arte Contemporânea onde realizou sua última individual (*Não-habitável [SSCC]*, 2006). A artista foi premiada com a Bolsa RioArte, Prêmio Brasília de Artes Visuais, Prêmio Uniarte/FAPERJ e VI Salão da Bahia.



Grande nua na poltrona vermelha, de Cristina Salgado, ocupa a sala central das Cavalariças. Trata-se de uma escultura construída com cerca de 900m² de tapete, de diversas cores, sempre relacionadas ao corpo. O tapete é cortado em longas tiras que, empilhadas, se dobram e se estendem, sugerindo a presença de um corpo que envolve uma poltrona, mais do que nela se recosta. A obra faz referência à pintura *Grande nu na poltrona vermelha* (1929), de Picasso, a que contrapõe um olhar feminino.

Cristina Salgado nasceu no Rio de Janeiro, é doutora em Artes Visuais pela EBA/UFRJ; professora no Instituto de Artes/UERJ e no Departamento de Artes e Design/PUC-RJ. Desde 1980 participou de inúmeras exposições coletivas, entre elas: *Como vai você?*, *Geração 80?* (1984, EAV-Parque Lage), *Panorama da Arte Brasileira* (1997, MAM-SP), *Caminhos do Contemporâneo* (2002, Paço Imperial-RJ) e *Abrigo Poético* (2002, MAC-Niterói). Sua exposição individual mais recente foi *Escultura como Imagem* (2008, Paço Imperial-RJ). Foi Artista Residente no Yorkshire Sculpture Park; premiada com a Bolsa Rio Arte, e com Bolsa de Pesquisa no Exterior – CAPES, na University of the Arts, London. É representada pela Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro.